

DIRECTOR AUGUSTO O SECULO

DE SANTA



Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



MA senhora Coelha fazir muito gôsto na sua ninhada e decidira, nesse dia, ir apresentá-la à parentela que vivia nesses matos.

Quando o sol, com a sua luz tão risonha, encheu de alegria os campos, já ela atarefada, tratava de aprontar os coelhinhos para aquela passeata.

— « Meus filhos, — (dizia, enquanto lhes lavava os focinhitos franzidos e lhes espanejava a pelagem macia) — quero que parecam muito bem! Vossos primos pequeninos são todos uns mimos de graça e de beleza! Os meus queridinhos não lhes hão-de ficar atrás.» —



Mas o facto é que aqueles meninos coelhos eram farruscos, feiosos e não pareciam tão bem como o olhar da mãi os julgava!

Tôda vaidosa, a senhora Coelha não descansava do fadário de os pôr uns brinquinhos, para a apresentação à família.

A sua saida fez sensação! No charco tôdas as rãs espreitaram curiosas e logo coaxaram, em risinhos de troça:

> — « Dona Coelha tem muita telha, em ter vaidade, pois, na verdade, é descabida, e sem medida, que os coelhinhos são feiozinhos! »—

Os bezouros zumbiam, entre a folhagem, em zumbido de escarninho:

> — « Mas que ninhada, desajeitada, de côr cinzenta, tão pardacenta!... Tal bicharia, requere tosquia!»—

Até o estorninho parou seu vôo, para piar, num tom ligeiro, muito brègeiro:

— « Não tem lindeza nem boniteza, os coelhinhos! tão pintadinhos de feia tinta, de côr retinta! » — Aos ouvidos da mãi Coelha só chegaram são bonitinhos, engraçadinhos, um mimo tal, tão sem igual etc.,

E assim, cheia de orgulho, muito pimpona, seguia atrás da prole que,



à frente dela, saltava, brincava, fungando, deliciada, o arôma das plantas silvestres.

— «Coelhinhos, tomai tento! Não esbarreis nalgum pedregulho! Nada de correrias! Pensem que à tardinha, temos de fazer a mesma caminhada. As vossas perninhas não estão ainda afeitas a tanta andata!» — recomendava a Coelha mãi.

Os seus conselhos eram baldados! Quem podia ter mão nos vivos coelhinhos que pela primeira vez galopavam, à vontade, entre penhascos e urzes?

Na toca, dois primos pararam, por

Os coelhos, seus parentes, às vénias c salamaleques guinchavam, em côro:

— «Mas que priminhos, Tão feiozinhos...»

— «São bonitinhos! São bonitinhos!» — acudia a Mài Coelha, sempre presumindo que não diziam outra cousa.

Por lá passaram parte do dia, comendo bela erva da relva, em ameno convivio, uns com os outros.

Mais adiante, ainda visitaram uma família das suas relações, onde lhes serviram boa serralha fresca e vários petiscos saborosos.

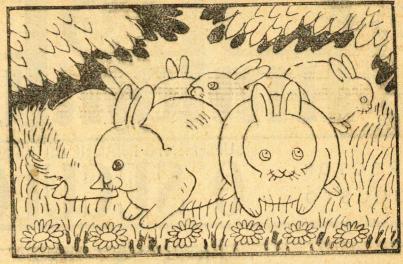
Os lambões dos coelhinhos tinham a barriguinha tão cheia, que já não podiam retouçar como dantes!

— «Ides rebentar de fartura! Sois uns glutões, comilões!» — ralhava a Măi Coelha, apraensiva.

E, na verdade, de volta a casa, já era sol pôsto—a difícil digestão de tanta comesaina fazia com que os meninos coelhos não avançassem de-

A Mai Coelha abanava as orelhas,





muito inquieta e incitava-os a correr.

E o pior é que a luz, agora, era confusa. Sombras desciam na folhagem escura e muitas vezes lhe custava a distinguir a sua ninhada que caminhava ao acaso, desordenada.

Nisto, estranho ruido fez pular, como mola sensivel, a pobre Coelha.

Era o regongar duma raposa, que nas proximidades farejava o mato, em cata de caça miuda, pela certa!

Num tremelique de nervos, a senhora Coelha guinchou baixinho:—
«Coelhinhos, juntai-vos! Grande perigo vos ameaça!»— Atordoados, os laparozinhos corriam e as suas côres pardas confundiam-se com a terra, com a poeira, os troncos das árvores... de tal forma, que a aflita Coelha não os distinguia.

Num brado de angústia clamou:

-«Se os rabos dos meus filhinhos ficassem todos branquinhos!..»

Outro galo cantaria! assim, já os guiaria! —

Ainda hoje está por explicar como o caso extraordinário sucedeu!

O que é certo, é que de repente, em frente da Mãe Coelha surgiram um molho de rabinhos brancos, em lugar dos pardinhos e êsses rabinhos, a remexer, sobresaíam tão bem entre o matagal que muito fácil se tornou encaminhá-los naquela fuga desesperada, através da floresta, até à toca. onde chegaram sãos e salvos.

Parece que a súplica da Măi Coelha, do meu conto, ficou nas tradições das famílias dos coelhos, porque, dai por diante, a maior parte dos laparozinhos possuem todos rabos brancos e, assim, os olhos maternais não os perdem de vista, em ocasiões de perigo.

F I M

BONDADE RECOMPENSADA

Por VIRGINIA NEVES VIDAL—(Violeta)



Por VIRGINIA NEVES VIDAL—(Violeta)
Menção honrosa do Concurso



Maria vivia com seus pais numa misera choupana, onde o Sol ea chuva entravam por todos os lados, mas onde faltava o pão! Pequenina, magra e olheirenta, fazia pena vê-la. Seus olhos grandes, negros ensombrados por longas e espessas pestanas, deixavam transparecer a mais viva tristeza. E que inteligência a dêsse olhar! Sua bôca de fínos lábios artisticamente desenhados pela natureza, apertavam-se num ricto de dor. Teria 10 anos, talvez. E, no entanto, aquela pobre criança, sofria já os revezes do Destino. Logo de manha-zinha, mal os galos começavam a cantar, ci-la a caminho da fonte ou do mato, envolta no seu chalito esfarrapado. Daí a pouco, voltava, trazendo, à sua cabecita, enormes feixes de le-

UMA pequena aldeia do Minho,

nha, ou então grandes cântaros de água. Pobre criança! Tão pequenina e sobrecarregada com enormes pêsos, impróprios para a sua idade e constituíção física! Tôda a gente, lá na aldeia, se admirava da ferocidade de seus pais. Pois quem manda assim trabalhar uma criança franzina e doente, decerto é porque seus instintos são ferozes! Mas prossigamos neste sîngelo conto. Já fiz a apresentação de Maria, aos meus queridos leitores. Como vêem, a apresentação nada tem de aristocrática! Não vos apresentei uma menina cinéfila, cheia de sêdas, pedrarias, toleima e cabeça vazia! Apresentei-lhes Maria, que é o símbolo da nobreza, de caracter e do sofrimento resignado.

Fui um dia passear até essa pequena e distante aldeia. Como tudo seria



belo, como essas paisagens seriam encantadoras, se não tivesse a entristecê-las esse doloroso quadro que (Continua na página 6)

O MENINO QUE QUERIA SER PALHAG

Por MARIO COSTA PINTO



ER palhaço!... Eis a maior aspiração do Augusti-nho, um menino de seis anos, irrequieto, esper-

to, mas mandrião! Fez anos há poucos dias e o pai, que gosta muito dele, levou-o ao Coliseu a vêr os palhaços que parecem de borracha pois que, por mais pancada que levem, por mais tombos que dêem, estão sempre satisfeitos e a rir às gar-

galhadas! O garoto gostou imenso do espectáculo. Esteve durante todo o tempo muito atento a todas as palhaçadas e, quando elas acabaram, julgou-se palhaço, também!..

De regresso a casa, só dizia ao pai que queria ser palhaço porque era uma vida divertida e não tinha que fazer contas para ganhar dinheiro...

O pai ouviu a confissão do filho, mas, como bom conselheiro, toi-lhe dizendo que os palhaços passam, geralmente, uma vida de tragédia, embora o público nunca os veja chorar!

O menino ouviu mas não se comoveu e só pensava na felicidade que lhe daria o usar uma vestimenta de sêda, bordada a oiro, como aquela que êles envergam nas noites de espectáculo.

O Augustinho, já em casa, procurava inventar habilidades para arremedar os homens do Coliseu, mas nada conseguiu de jeito, pois não possuia os segrêdos de que só os palhaços são donos.

Ao outro dia pela manha, o Augustinho foi para o colégio muito satisfeito porque era o penúltimo dia de aulas.

A senhora professora chegou nêsse dia ao colégio ao mesmo tempo que os alunos e, depois de os haver exami-nado convenientemente, disse-lhes o seguinte:

Os meus meninos vão, agora, escrever nos seus cadernos o que desejam ser quando forem homens para eu saber quais as vossas inclinações.

Todos êles cumpriram, rápidamente, o desejo manifestado pela mestra. No caderno da cópia, cada um escreveu o que desejaria ser.

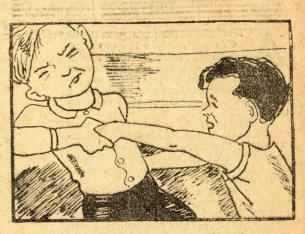
Uns queriam seguir a carreira das armas. Outros queriam ser engenheiros, outros bombeiros, outros regentes agrícolas, etc.

Quando a aula terminou, entregaram os cadernos e foram saindo muito sossegados, porque é feio vir para a rua a correr desordenadamente.

A senhora professora observou as respostas com muita atenção, mas quando chegou quási ao fim da sua tarefa, parou, de súbito, a olhar para um dos cadernos, puxou os oculos para a testa, depois franziu o nariz e, com uma cara muito desagradável, começou a tocar piano em cima do tampo da sua secretária, nada satisfeita com uma resposta que lá tinha.

Ou representava uma troça, ou tinha um cábula na





classe, - o que lhe parecia, muito mais natural! Na manhã seguinte, ao abrir da áula — que era a última daquele periodo, — num tom grave, preguntou:
— *Quem é o menino Augusto?!*

-«Eu, minha senhora!»—responden um garoto que estava mesmo no fundo da sala. E logo a senhora professôra continuou:

- «Então o menino deseja ser palhaço?» - « Sim, minha senhora. Desejo ser palhaço! »

- «E para quê?»

- «Ora! Para brincar tôda a vida e não ter que fazer contas para ganhar dinheiro ... * - «Só por êsse motivo? »

- «Não; também para ter um fato com vidrilhos como aqueles que êles usam no Coliseu...»

- «Fraco gôsto, não the gabo a vocação! Pode sen-

tar-se!*

Tôda a aula tinha ficado em estado de sítio com a confissão do Augustinho e logo os colegas entenderam dever arranjar carapuços de papel para oferecer ao seu companheiro, futuro «faz-tudo»...

No dia seguinte, começaram as férias. O garoto estava desastrado o mais que uma pessoa pode estar e, como não queria ser palhaço sòzinho, juntára-se ao irmão — um pequenino de quatro anos — que estava sempre a postos para a brincadeira, como era natural.

O que o Augustinho não compreendia era que os palhacos fizessem o que êle não era capaz de fazer: dar cambalhotas, enrolar-se, deitar-se e dar saltinhos, caír de grande altura e ficar aos saltos no chão como uma bola de borracha, etc.

Preguntou à Måi porque motivo os palhaços não se magoavam e se podiam dobrar daquela maneira. Logo a Mãe lhe respondeu que os palhaços são todos desengonçados e por isso conseguem o que qualquer de nós não é capaz.

Satisfeito com a resposta, foi-se embora. Nessa mesma tarde, ele e o irmão estavam brincando no jardim quando de súbito a Mãi ouviu o pequenino gritar, muito aflito.

Foi ver o que era e qual foi o seu espanto quando encontrou o Augustinho a puxar desalmadamente pelos braços e pelas pernas do irmão com tanta fúria, que mais parecia um selvagem... A presença da Mai pôs têrmo à barbaridade e, como

não era para brincadeiras, repreendeu, severamente, o filho, ao mesmo tempo que lhe preguntava:

-«O que estava o menino a fazer?!»

E o garoto, na ingenuidade dos seus seis anos, respondeu com a maior franqueza:

—«Minha Māi: estava a desengonçar o mano para depois podermos brincar aos palhaços.»

A BEIRA MAR

POR GRACIETTE BRANCO

Desenhes de A, CASTAÑÉ

Mariazinha, naquela manhã de Céu purissimo e Sol capricho-samente doirado, levantara-se mais cedo, ansiosa por pisar as areias da praia, onde o seu espírito de criança saüdável, amimada e feliz, dava livre curso aos seus entusias-

A Mariazinha ia, nessa manhã, mais alegre, mais irrequieta, levando, pendurado na mãosinha rosada, o seu balde novo, amarelo e azul, dentro do qual brilhavam as fôrmas de lata, muito luzidias, na sua

folha nova.

O seu balde e as suas fôrmas! Pelas maiores riquezas, pelos mais sumptuosos palácios, pelas mais explendorosas maravilhas, não trocava a Mariazinha o seu balde novo e as suas fôrmazinhas novas. deliciosamente ingénuas... A sua imagi-nação, vibrante e entusiástica bordara, com todo o sonho do seu idealismo puro de criança, esses simples brinquedos, revestindo-os de encanto excepcional.

Para ela, eram tudo!



Notes inteiras, sonhando com coisas lindas e, entre elas, sempre o balde amarelo e azul e as forminhas de lata luzi-

Pé aqui, pé ali, a caminho da praia, a Mariazinha, muito loira, muito fresquinha, parecia uma figurinha irreal, tôda nimbada de pureza e doçura...

Chegou à praia, sentou-se sob o toldo às largas riscas verdes e brancas, descalçou as sandálias e, sob o olhar vigilante da Mãi, começou a brincar...

Que deliciosa e estranha alegria dá a

realização dum sonho!

Como ela se sentia imensamente feliz! Tão enleada estava no seu entreteni-



mento que nem deu, a princípio, por dois olhinhos azuis, redondos e pequeninos, que, a seu lado, lhe seguiam, um a um, os movimentos.

Esses olhinhos, ora olhavam o balde, ora as fôrmas, ora a carinha bonita da Mariazinha, onde a alegria abria um largo clarão de êxtase profundo.

Sùbitamente, Mariazinha voltou-se e, ao dar com o garotinho andrajoso, possuidor de tão bonitos olhos, preguntou-

«Gostas de me ver brincar? Porque não brincas, também? Vai buscar os teus brinquedos de praia e brincamos os dois.» Mas o pequenito, tristemente, respon-

-«Não tenho nada com que brincar, menina! Nunca vi coisas tão lindas! Deve ser muito bom ter um balde e umas forminhas, como essas.»

Um traço profundo nasceu na testa pura de Mariazinha e uma nuvem sombreou o seu olhar alegre.

«Não tens nenhum brinquêdo? És muito pobrezinho?»

- «Sou, sim, menina. Gostava tanto de os ter! Mas os meus Pais, nem que andassem uma semana a trabalhar, ganhavam para comprar essas coisas!»

Singelamente, sem um gesto especta-culoso, Mariazinha estendeu-lhe o seu balde novo e as suas fôrmas de lata luzidia.

- «Toma. Sinto muito prazer em te dar isto. Também tens direito a brincar!»

E a sua alma era tão boa, tão excepcionalmente boa, que sentiu tanta alegria neste gesto como no momento em que, pela primeira vez, possuiu os seus lindos brinquedos.

(Continua na página 6)



O NARRADOR

ENINAS e meninos, atenção! Ides ouvir o que a mosquinha ouvivi, a esvoaçar em cada habitação onde o mando do céu a conduziu. É uma história... Ouví-a; sem desdoiro ao vosso brio ou mesmo às vossas casas.

Era uma vez uma mosquinha de oiro, de oiro porque lhe dava o sol nas asas: môsca que tinha uma missão no mundo: -Ir segredar a Deus tudo o que ouvisse de bom ou mau por sob o céu profundo; acção nobre, acção má ou traquínice praticadas por todos os bébés, a-fim de que, em Dezembro, quando baixe o velho Pai Natal às chaminés, trazendo, às costas, uma grande caixa ou saca com brinquedos e bombons, - soldadinhos, cornêtas, arcos, páus poder recompensar os que são bons e poder castigar os que são maus.

(Zumbido da môsca.)

ldes seguir o vôo da mosquinha e ouvir o que ela ouviu. Muita atenção!

Janela aberta, além, numa casinha... E ei-la a zumbir já nessa habitação.

Mora aqui a Tininha, uma menina que tem sete anos só. Péle rosada, olhos azuis e o cabelinho loiro. Almoca com os pais...

É bem criada?.. Eis o que vai saber a môsca de oiro!



O que a mosquinha ouviu...

CONTO RADIOFÓNICO EM 2 EPISÓDIOS E E M V E R S O P O R AUGUSTO de SANTA-RITA

(Grupo à mesa - Tilintar de talheres.)

O PAI (Repreensivo)

Então, Tininha, eu já te tenho dito, vezes sem conta, que não é bonito pôr em cima da mesa os cotovêlos.

TININHA (Agastada)

Então, Papá, onde é que eu hei-de tê-los?

O PAI (grave)

Em parte alguma.

188

BIXE

lo:

TININHÀ

Assim?...

O PAI

Pois com certeza.

Corpo direito, os pulsos sôbre a mesa.

TININHA (chamando, num berreiro)

O' Maria... Maria! O' Mari-i-i-ia!...

O PAI (austero :)

Que quere isto dizer?! Que gritaria! Quantas vezes, também, eu já lhe disse que não se grita à mesa, que pedisse o que quizesse, em têrmos, à Māizinha.

TININHA

Não tenho guardanapo.

O PAI (Repreensivo)

A campainha

não se inventou senão para tocar.

(Toque de campainha)

A CRIADA (entre portas)

A senhora chamou?

A MAI

Sim; vai buscar o guardanapo e a sopa da menina.

TININHA (Irritada)

Não quero a sopa, Mãi! A sopa não!... Que porcaria a sopa! A MAI (numa censura:)

Tina, Tina, que maneiras são essas?!... Atenção ao que eu te vou dizer: — E' uma heresia chamar ao que se come porcaria. Chamar-se porcaria ao que se come é um pecado, ouviste? Esta sopinha ai quem a dera a tantos que têm fome!

O PAI (severo:)

Comes, que manda o Pai; ouves, Tininha?!

A MÃI

Come, Tininha; olha o Papá que ralha!

TININHA (com azedume)

Eu vomito, mamã!



A MÃI

Que modos, Tina!

(Copo que tomba)

O PAI

Pronto!... Entornaste a água na toalha!

A MAI (num desespêro)

Ai, que má que tu és ! Oh, que rabina!...

O NARRADOR

E a mosquinha doirada que poisara no florido «abat-jour» do candieiro da sala onde esta cêna se passara, voou para um diverso paradeiro a dois passos da casa onde estivera; a casa do caseiro do papá desta menina, esta menina que era feia, travêssa e má.

(Nopo zumbir da môsca)

E que ouviu a mosquinha? Ides saber. Atenção, atenção!

Ei-la a poisar num canto da lareira para ver o que se passa, aqui, nesta choupana.

(Cessa o zumbido)

A cêna representa, agora, um lar de gente pobre; a casa da ti'Ana. Olinda, a filha do caseiro, tem dez anos só, apenas dez. Porém, no juizo parece ter bem mais.

Lava a roupinha, varre, ajuda os pais e vive alegremente.

Ei-la a cantar, tôda entregue à limpeza do seu lar.

OLINDA (cantando)

(Restolhar de vassoura)

Varre, varre, vassourinha, varre ligeira e suave, para que a nossa casinha se torne muito limpinha, limpa como um ninho de avel

Varre, varre, vassourinha, varre ligeira e suave, varre, varre, ligeirinha!

A MAI (chamando)

Olinda!...

OLINDA

Mãi ?...

A MÃI

Que estás fazendo, agora?

OLINDA

Acabei de varrer.

A MAI

Põe a vassoura no seu lugar e vem jantar, cachopa! Já cá está o «tê» Pai... Fumega a sopa... OLINDA (com docura)

Pronto, Māizinha. Salve-o Deus, mê Pai!

O PAI

Deus te abençõe, cachopa! Vá... Sentai, Ana e Olinda.

OLINDA

Com licença, Măi.

Rica sopinha!

(Um silêncio - Ruido, leve, de pratos)

A MÃI

Mais? Soube-te bem? Então, repete, vá... Deus no-la dê sempre.

(Ruido de alguém que bate)

O PAI

Estão a bater. Vai ver quem é.

O POBREZINHO (à porta)

Uma esmolinha!...

OLINDA

Um pobre, Mãi!

A MÃI

Então.

dá-lhe duas fatias dêste pão.

OLINDA

Sim, minha Mãi. E, se não leva a mal, vou dar-lhe a minha sopa... Que, afinal, repetir já não posso...

(Dirigindo-se ao pobre)

Tome, tome... Vá, entre e coma, enquanto a gente come.

O NARRADOR

Vôa a mosquinha de oiro, novamente, através do postigo da choupana, mas, desta vez, alegre, tão contente, por ver que, na casinha da ti'Ana, o pai Natal há-de baixar, em breve,



com sua enorme saca de «bonitos», sob as estrêlas, recalcando a neve, a-fim-de premiar os pequenitos, que sejam bons e d'alma caridosa, como esta Olinda, menina delicada e generosa, numa palayra: — linda!

(Aumenta o zumbido da mosquinha)

Segui o vôo da mosquinha, vai, subindo sempre pelos altos Céus, ao Paraíso, onde o divino Pai de todos nós, a aguarda; o Pai que é Deus!

Vôa, tôda doirada, ao Sol bemdito, e entra, por fim, na divinal mansão, sôbre o lindo mirante do Infinito.

(Música sacra, em tom crescente)

-«Senhor, Senhor, mais uma nobre acção presenciel há pouco!»

-«Ora inda bem!
Onde, em que sítio? Aponta!»

—«Além, além, para lá daquele astro!»— a môsca diz.
—«S. Pedro!...— (chama, então, Nosso Senhor,

todo alegre, a sorrir, muito feliz) — Vai-me buscar o óculo do Amor, cuja lente da coisa mais pequena faz a coisa maior!»

E o Padre Eterno olha, torna a sorrir, pega na pena, e com seu ar risonho, prazenteiro, vai buscar um caderno e no caderno escreve: — «Olinda, filha do caseiro!»

Uma anedota do André

Certa vez, André preguntou ao irmão:

- -Sabes para que serve a côdea do pão?
 - -Palavra que não sei...
 - -Adivinha ...
 - Não sou capaz...
- -Ora essa! Pois a côdea serve para embrulhar o miôlo.

CHARADAS

EM FRASE

1 — Este homem sacha para depois semear esta planta e poder conduzi-la nêste quadrú-pede — 2 — 2

2-A fisionomia deste homem tem uma expressão doce -2-2

3—Este pássaro côr do pêlo da ovelha gosta dêste fruto— 2—2

Solução do nûmero anterior:

1 — Emissão

Á beira mar

No olhar da Mãizinha, havia uma lágrima alegre e, na boca, um beijo de reconhecimento.

Que esta pequenina história, simples e verdadeira, sirva de exemplo a todos os meninos que brincam nas praias, à sombra protectora dos toldos...

B O N D A D E RECOMPENSADA

Continuado da página 2

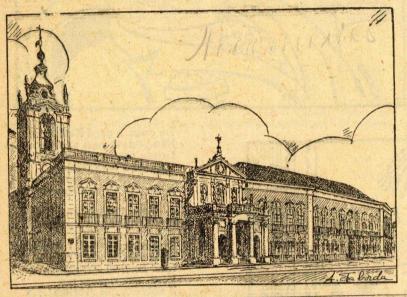
saltou aos meus clhos. Cheguei à cabana de Maria. De dentro, sasam gritos que me feriram a alma.

Uma senhora elegante, dos seus 30 anos, aproximou-se, com rapidez, do local onde eu estava. Bateu à porta. Um momento de silêncio. Por fim, Maria veiu abrir a porta e apareceu com o seu rostozinho vermelho e os olhos.

êsses magníficos espelhos da sua alma sofredora, inchados de tanto chorar. No entanto, seus lábios conseguiram entreabrir-se num sorriso que ela pretendia tornar agradável, mas que só conseguiu mostrar tristeza e resignação. Quem era essa senhora que a tomou nos braços e que a beijou sôfregamente? Nunca o soube. Ela levou a criança que, pobre dela! ainda deixava receosa essa casa onde tantos maus tratos recebera.

Entrei na choupana. Um homem hércules e vermelho dormia sôbre uma esteira. Uma mulher de olhar desvairado e feições de verdadeira alcoólica, estava deitada por terra. Ao ver-me, ergueu-se um pouco, fixando-me com seu olhar turvado. A medo, contei-lhe o sucedido e, na sua cara, desenhou-se uma expressão horrível. Soltou uma gargalinada de verdadeira tarada e exclamou: «Qu'importa isso? Deixá-la ir! Essa rapariga era uma intrusa na minha casa! Só comia, dormia e não trabalhava! Não estou para sustentar os filhos dos outros! Sim, sim! ela não é minha filha! Encontrei-a no portal da minha casa, numa noite fria de inverno! Pois que vá! vá! e não me apareça mais!» Excitada por tanta eloqüência, caiu no

CONCURSO:DOS:PALACIOS 母 E 母 MONUMENTOS:DE:PORTUGAL



solo desamparada, escorrendo-lhe da boca uma baba nojenta...

São passados alguns anos. Ao passar hoje por uma casa de aparência luxuosa, parei para ouvir os acordes dum violino, ao mesmo tempo que uma voz suave e harmoniosa chegava, também, aos meus ouvidos. Fiquei como petrificada pela magia daquela voz. Passados momentos, vi uma interessante rapariga chegar à janela, tocando no mágico violino. Meu Deus! Quem era? Ela? Maria? Sim! Ela, Maria com a sua radiosa beleza.

Não era aquela beleza triste e apagada doutros tempos. Era uma beleza sadia e real. Seu olhar, o mesmo olhar belo e profundo, marejava-se de lágrimas ardentes. Mas não eram lágrimas de sofrimento! Eram lágrimas de sentimento artístico!

Soube agora que Maria fôra recolhida por aquela senhora, por saber
que ela era uma menina inteligente,
boa e que sofria muito, mas sempre
obediente àqueles que tanto mal lhe
faziam e que não eram seus pais!

Pobre engeitadinha!

Sofreu, sofreu, mas a sua bondade fez com que ela hoje seja uma menina feliz e rica, e, acima de tudo, uma

grande artista!

A felicidade está, pois, reservada para aqueles que sabem sofrer sem uma queixa, sem um gesto de desespêro!

REFERÊNCIA

AUXILIAR

No local onde se ergue êste soberbo palácio existiu uma capela onde se venerava a imagem de N. S.ª, trazida da Ericeira por uma devota que lá se refugiara por ocasião da tremenda peste que assolou a capital em 1599. Em 1659 Pedro de Castilho comprou

Em 1659 Pedro de Castilho comprou as casas anexas à capela e formou um templo mais vasto que o anterior. D. João IV, que tinha grande devoção pela S.ª das Necessidades, doou-o com objectos de raro valor e muitos rendi-

mentos.

Em 1742 adoecendo, o rei D. João V, no Paço da Ribeira, mandou vir para junto de si a milagrosa imagem. Assim que se viu livre de perigo, benefício este que atribuiu à Virgem, mandou construir um magestoso templo, em substituição da antiga igreja. De pois comprou os terrenos próximos onde igualmente construiu o palácio, assim como um convento destinado aos congregados de S. Felipe Nery. Começou a sua construção em 1745 tendo sido seu arquiteto Caetano Tomaz de Sousa. Em 1750 estava terminado.

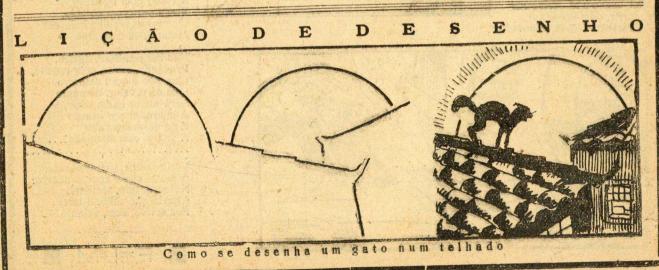
Foi residência de muitos reis assim como de hospedes ilustres de Portugal. Lá faleceu D. Maria II, em 15 de

Novembro de 1853.

Durante algum tempo funcionou nas suas salas a Academia Real das Ciências e realizaram-se, também, as primeiras côrtes extraordinárias de 1821.

CONCURSOS MENSAIS

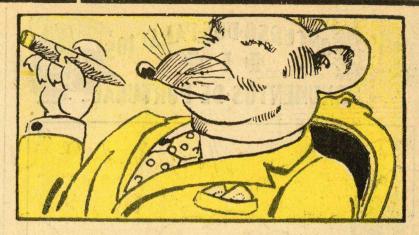
Em virtude da muita aglomeração de originais, cuja apreciação tem de ser feita conscienciosamente, só no próximo número daremos o resultado da 2.ª série dos nossos concursos mensais, relativos ao mês de Julho.



A nobreza do Ratão

Por ARGENTINITA

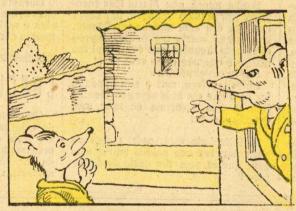
SENTADO num cadeírão,
Com um ar patriarcal,
O nobre senhor Ratão,
la lendo o seu jornal.
De quando em quando, vaidoso,
Bela fumaça aspirava
Dum havano majestoso,
Que em cinzeiro repousava;
— Rico cinzeiro de prata,
Presente de sua esposa
A formosa Dona Rata! —
Perto do pai, a Ratinha,
Mimosa — (um mimo de graca) —

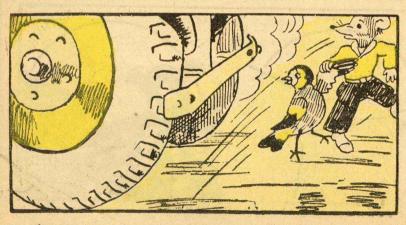




Através da janelinha, Olhava p'ra toda a praça, Na ânsia de ver passar O lindo rato Negrão, Que lhe fazia pulsar, Doidamente, o coração.

Nisto, deu um grito, ao ver O seu garboso Negrão, E até fez estremecer O papázinho Ratão... Este tirou, com jeitinho, Os óculos que postos tinha No rubicundo focinho E correu para a ratinha, Julgando que a filha qu'rida, la ter algum chilique... Mas, vendo-a tão derretida A sorrir, com arrebique, Ao Negrão — êsse estouvado





De quem o papá Ratão Não gostava nem pintado!— Gritou em voz de estentor, Que até a casa tremeu, E fez tremer de pavor A mimosa e o seu Romeu:

- «Fora d'aqui! gira! gira! Sua a cara sem vergonha... Até parece mentira Que seu nobre olhar se ponha Num pobre João Ninguém, Num horrivel farroupilha! Você, que riqueza tem E nobreza que rebrilha!...» Sem mais se importar com ela, Que de susto desmaiou, Debruçou-se na janela, E ao pobre Negrão, berrou: — «Seu D. Juan duma figa, Seu pelintra sem vintém, Vamos, seu caminho siga, Se não quer' provar também Rico chá de marmeleiro... Não sabe, seu vagabundo, Que só quem possui dinheiro Tem valor cá neste mundo?!...»

Deus ouviu a imprecação,
E ali mesmo quis mostrar
Ao presunçoso Ratão
O erro do seu pensar.
Nessa rua, mesmo ao meio,
Um pintassilgo — algo pisco! —
Debicava com anseio
Um grão — que belo petisco! —
A rodar com ligeiresa,
Vinha perto um camião,
Que esta avezinha indefesa
Mataria, se o Negrão

Não lhe acudisse, ligeiro,
Provando, assim, nobremente,
Que não é o vil dinheiro
Que dá o valor. Sòmente
Será nobre quem tiver
A honradez por brazão
E na desgraça valer
A todos, sem distinção!...

Vou resumir, simplesmente, A moral que o conto encerra: Nobreza, terá, sòmente, Aquele que sôbre a terra For activo, bom, valante!

